

**G.R.E.S GATO DE BONSUCESSO:
REFLEXÕES DE UM PESQUISADOR NATIVO
SOBRE UMA PESQUISA AÇÃO PARTICIPATIVA COMPARTILHADA**

Eduardo Antonio Duque
eduardoduque@oi.com.br
Escola de Musica da UFRJ

Resumo

Este trabalho procura refletir sobre os processos de pesquisa ação participativa na construção de uma dissertação de mestrado de um nativo da comunidade pesquisada, tomando como base o projeto de etnomusicologia aplicada desenvolvida pelo Laboratório de etnomusicologia da Escola de Musica da UFRJ. Esse trabalho procura descrever e analisar as mudanças na postura e na forma da pesquisa a partir da inserção das novas propostas metodológicas trazidas pelo Laboratório de Etnomusicologia.

Palavras-chave: Pesquisa ação participativa, Nativo, Etnomusicologia Aplicada.

Abstract

This paper tries to focus on the participative action research processes in the elaboration of a master dissertation by a native from the examined community, taking as base the etnomusicology applied project developed by the Etnomusicology Laboratory of the Music School of UFRJ. This paper intends to describe and to analyse the changes in the research posture and configuration since the introduction of new methodological proposals brought out by the mentioned Laboratory.

Key Words: Participative action research, Native, Etnomusicology Applied.

Introdução

Há aproximadamente um ano iniciou-se na Maré um projeto de pesquisa ação participativa, em que o proponente metodológico (e parceiro), o Laboratório de Etnomusicologia (LE) da UFRJ, tenta atender as necessidades do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) que percebia a urgência de documentar a diversidade e a memória musical

do Bairro Maré, a fim de resgatar as manifestações culturais desaparecidas, trabalhar a memória da comunidade e dar-lhe sentido de pertencimento.

O projeto, na perspectiva do LE, faz parte de um projeto de pesquisa maior chamado Samba e Coexistência que propõe um “mapeamento e interpretação da produção e circulação da música no Rio de Janeiro, tomando o samba, objeto de amplo e acirrado debate em âmbitos nacional e internacional, como eixo não exclusivo de um estudo etnomusicológico” (ARAÚJO 2004). Já na visão do Ceasm, o projeto servirá para organizar o acervo sonoro já existente na Rede Memória¹, e ampliar o acervo documental já existente.

Depois de extensa negociação, a proposta final de trabalho estabelecia que vinte jovens secundaristas passariam por um processo de formação em pesquisa, cuja ênfase seria o diálogo e cujo maior desafio seria: “como fazer eles nos levarem a sério e levar a sério a si mesmos” (Vincenzo Cambria, comunicação oral, Ciclo Música em Debate III, Escola de Música da UFRJ, novembro de 2004). O diálogo era (è) a única forma de interagir com os jovens em quase toda a primeira etapa do projeto, onde os jovens se encontravam duas vezes por semana para discutir questões relativas a suas experiências musicais, a pesquisa etnomusicológica, e método de pesquisa, com o objetivo de “explorar” e de mapear as diferentes práticas musicais da comunidade. Muitas das vezes quando se propunha que eles se colocassem, e/ou opinassem sobre alguma questão relativa a alguns dos tópicos citados o silêncio predominava, a timidez e o medo do erro eram facilmente perceptíveis, ainda não entendiam que a proposta não era uma formação opressora, bancária (FREIRE, 1987). Na etapa seguinte, o planejamento conduziu a uma pesquisa de campo participante, onde os jovens pesquisadores em formação exercitaram a observação participante, com o objetivo de enriquecer a análise escrita que comporiam a partir das informações recolhidas. Estas seriam incluídas em banco de dados juntamente com vídeos, fotos e entrevista. A primeira fase demorou mais do que o esperado, levando o projeto, que inicialmente deveria durar um ano, a se prolongar por mais dois (2005-2006), porém os resultados parciais têm superado as expectativas. Já ao final da primeira fase, com o suporte teórico mais consolidado. Após pequenos exercícios de em sala de aula, foi planejada a primeira saída a “campo” em conjunto. Nesta e no trabalho de campo subsequente foram produzidas etnografias em que as narrativas reinterpretem a experiência de pesquisa vivida pelos jovens em campo, bem como o que para cada um deles é objeto ou interesse de pesquisa. De forma tímida, iniciou-

¹ Existia a necessidade de reflexão sobre uma material arquivado na rede memória, material esse que resultado da tentativa de um programa de televisão comunitário com ênfase no cotidiano mareense.

se assim, todo o processo, intensificando-se após extensa discussão teórica a reflexão sobre a prática da pesquisa, o diálogo em conjunto entre pesquisadores universitários e comunitários, nosso maior desafio.

A proposta de pesquisa etnomusicológica aqui discutida apóia-se, mais que sobre uma Antropologia da Música (MERRIAM, 1964), que utiliza métodos antropológicos para estudar a prática musical, em uma Antropologia Musical, onde a música é a chave de compreensão de fenômenos sociais (SEEGER, 1987). Nesta perspectiva, se enfatiza novos padrões de comparação, negociados, criados e aceitos com base nas inter-relações entre forma e processos sociais e musicais (FELD, 1990).

Buscando, com Seeger (1987) essa investigação do social através do musical, tomou-se como ponto de partida uma inserção e cooperação mais profunda e duradoura com a comunidade pesquisada, construir grupos mistos para uma pesquisa conjunta (ver Michel Thiollent, comunicação oral, Ciclo Música em Debate III, Escola de Música da UFRJ, novembro de 2004), ou seja, uma pesquisa-ação, que contemplaria plenamente os objetivos do Ceasm e, apesar de mais complexa, apresenta, segundo observado até aqui, um resultado mais consistente. Essa forma de etnomusicologia aplicada, a meu modo de ver, privilegia a ação, transformando o privilegio epistemológico em direito epistemológico, vendo em cada um dos membros do grupo de pesquisa² não como mais um informante, mas assumindo e estimulando sua capacidade de pensar conceitos, aprendendo com eles e deixando o mundo e as experiências que vivem “mediatizar” esse aprendizado (FREIRE, 1987).

Essa compreensão da categoria “diálogo” deixa de lado a visão do “nós” que atua entre os “outros” (Vincenzo Cambria, comunicação oral, Ciclo Música em Debate III, Escola de Música da UFRJ, novembro de 2004), superando o diálogo à forma antiga e assumindo uma pesquisa onde a relação entre pesquisador e pesquisado, entre o nós e o Outro deixe de ser um confronto, onde o conhecimento possa ser produzido dialogicamente através da união de ação e reflexão de ambos. Quer-se produzir pesquisa mas também envolvendo educação, a formação dos jovens pesquisadores passa por um processo de reflexão sobre os pesquisadores já formados e os em formação, que tentam conscientemente converter a posição de subalternidade e opressão em uma nova relação e prática de pesquisa. Enfim estamos produzindo e refletindo sobre uma pesquisa que utilize o diálogo, porém levar a sério a dialogicidade inerente à relação que se estabelece com os jovens interlocutores, esta-

belecendo em nosso cotidiano, e no deles, um confronto dos pontos de vistas dos conceitos e categorias da nossa visão em relação à deles e vice-versa (ver Michel Thiollent, comunicação oral, Ciclo Música em Debate III, Escola de Música da UFRJ, novembro de 2004 e Vincenzo Cambria, comunicação oral, Ciclo Música em Debate III, Escola de Música da UFRJ, novembro de 2004) .

Quando se pensa em pesquisa acadêmica, pensa-se um pesquisador (mestrando ou doutorando) fazendo revisão bibliográfica, e posteriormente indo a campo e interpretando os fatos vivenciados e dados colhidos. Publicações acadêmicas como livros e artigos, e, ultimamente, outros produtos “comerciais” resultam da experiência de pesquisa. O projeto do L.E. proporcionou a todos os participantes, inclusive os da área acadêmica, uma experiência diferente onde a pesquisa é realizada em grupo, ou seja, a coleta de dados, bem como as interpretações, ocorrem de forma compartilhada.

Antes do início do projeto, atuava como pesquisador da Rede Memória da Maré, em projeto de história oral, tendo como objetivo coletar narrativas para alimentar um banco de dados que reunisse repertório a ser difundido, através de performances, pelo Grupo Maré de Histórias. A metodologia de história oral envolvia a entrevista com determinados atores sociais, realizadas de forma bem informal: buscava-se alguém que conhecesse a pessoa em questão, o informante fazia o primeiro contato, após o que, representantes da Rede Memória explicavam o projeto e os objetivos. Em geral, as pessoas acabavam aceitando, mesmo que, por vezes, de forma inicialmente desconfiada. A interpretação e a utilização dos dados eram responsabilidade dos membros da Rede Memória, passando as fitas a ser armazenadas no acervo da Rede Memória. Essas fitas contém temas variados, porém sempre relacionados à história de vida das pessoas entrevistadas, não havendo, porém, nenhuma reflexão em qualquer momento sobre o processo metodológico de pesquisa. Ir a campo e participar dos eventos como um nativo, era o que pretendíamos fazer.³

Acredito que a nova experiência de pesquisa, a partir da colaboração com o L.E., esclareceu que a participação na cultura observada faz com que os aspectos mais estranhos de uma cultura se tornam progressivamente familiares e, enfim, que não há tanta estranheza ou problema epistemológico irresolúvel no fato de o pesquisador se tornar, em certa

² Que se auto-denominou MUSICULTURA

³ Esta afirmativa pode parecer estranha, mas não tanto se lembrarmos que embora sejamos moradores da Maré pro que, não éramos “nativos” da Escola de Samba Gato de Bonsucesso, por exemplo.

medida, nativo, se a opção for utilizar a pesquisa-ação participante como metodologia de pesquisa. Observamos, assim, que apesar da observação participante no sentido mais tradicional (centrada no interesse do pesquisador externo) poder fazer a pesquisa produzir resultados significativos, quando se analisa os dados de forma conjunta, dialogicamente, o fenômeno fica mais real, mais rico em detalhes e conseqüentemente mais rico em conhecimento. As inseguranças de se iniciar um processo de pesquisa em que os focos e a estratégia se definem em conjunto se desfazem quando a impotência diante do desconhecido diminui, e a certeza de que os dados importantes fazem parte da experiência dos sujeitos da pesquisa (comunidade se auto-pesquisando) faz com que as etapas sub-seqüentes da pesquisa sejam conduzidas de forma mais clara.

A minha relação com o meu objeto específico de pesquisa, a Escola de Samba Gato de Bonsucesso, antes do projeto seria igual à de qualquer pesquisador que não mora na Maré e vai pesquisar a sua música. Apesar de ser residente da Maré, a minha relação com suas práticas musicais era a de um não-nativo, a relação de um pesquisador que interage com o objeto, mas não o ouve sobre o que considera importante, pertinente ou o que quer de fato com suas narrativas, ou ainda o que espera de uma pesquisa.

Fica, então, a pergunta: Mas o que muda de fato? Acredito que, nesta nova proposta de pesquisa, o que muda é a questão central e a ênfase do trabalho. A primeira mudança está nas discussões que precederam a definição dos focos mais importantes para a pesquisa. Refiro-me a um debate específico entre membros do projeto (eu, músico e professor formado na Escola de Musica da UFRJ, três moradores alunos de graduação em História do IFCS/UFRJ, todos bolsistas, e um grupo de 20 jovens moradores) precedendo uma documentação no Gato de Bonsucesso, à guisa de exemplo. Nessa discussão, cada um dos interessados colocou perante os demais os pontos que poderiam interessar em relação às entrevistas. Debateu-se a melhor forma de registro, que seria feito em vídeo, questões técnicas sobre processo de entrevistas, se o entrevistador deveria aparecer ou não, quais perguntas seriam importantes, e como aproveitar a linha de raciocínio do entrevistado para aprofundar os depoimentos. Todos esses detalhes, enfim, foram discutidos sob várias óticas. Neste ponto, cabe perguntar, o quão comum é um pesquisador compor suas questões de pesquisa ou entrevista em conjunto, negociando o que é importante, aceitando outras óticas?

A segunda mudança significativa se dá no decorrer do evento, em que todos são vistos horizontalmente como pesquisadores, a divisão de tarefas e a apreciação do evento sob a

ótica de um nativo (parcial) agora é possível, em alguns momentos você é um membro da comunidade, despreocupado, aproveitando de todo o prazer e descontração que o evento pode proporcionar, momento esse em que os outros pesquisadores estão buscando informações, gravando ou fazendo alguma entrevista. Não há preocupação com a homogeneidade do material coletado e dos enfoques, pois nas discussões prévias ficou acordado que seria dado espaço às linhas e às possíveis óticas de interesse de cada um, tanto nas entrevistas como no registro em vídeo, buscando maior pluralidade de interpretações do mesmo evento para posterior discussão em grupo.

A terceira mudança significativa se dá no processo de reflexão e análise do material coletado, na abordagem adotada não se reflete sobre suas práticas e ações apenas individualmente, mas sim em grupo, conjuntamente, considerando tudo que foi discutido e acordado anteriormente. A análise não incide somente sobre o material, sobre o que se tem de interessante para determinada ótica, sobre o que se tem de dado novo, ou para quem esse dado novo é relevante, a análise agora incide sobre como os processos ajudaram a compor um material que tenha expressão qualitativa e quantitativa para representar o evento de uma forma mais próxima e real possível. Nesse sentido a reflexão sobre o material torna-se mais ampla e expressiva, aproximando-a do evento como um todo, suas etapas, simbolismos e significados.

Espero, a partir deste relato de experiência de pesquisa, construir uma dissertação de mestrado que tenha como resultado e expressão as mediações de poder bem como o acesso ao privilégio epistemológico que temos tentado exercer neste projeto. Tal proposta se demonstra demasiadamente complexa, temos clareza desse aspecto, mas se para alguns ela se é extremamente insatisfatória, deixo claro que meu compromisso primeiro está direcionado em atender e/ou suprir as intenções do meu objeto de pesquisa. Negociar o resultado da minha dissertação e apresentá-la a minha comunidade (em específico ao Gato de Bonsucesso e ao CEASM) é um dos meus objetivos, e se minha dissertação não representar de forma satisfatória esse objeto, meu objetivo não será cumprido. Tendo em vista que o reconhecimento primeiro deva ser do meu objeto e da minha comunidade, que foram a razão primeira da minha motivação, qualquer limitação detectada deve ser vista como resultado de negociações.

Sendo assim, espero que possa ter contribuído com uma reflexão sobre a construção do conhecimento de forma compartilhada, ou pelo menos contribuído com o diálogo ao redor da construção de conhecimento por um nativo.

Bibliografia

ARAÚJO, Samuel. Descolonização e discurso: notas sobre o tempo, o poder e a noção de Música. *Revista Brasileira de Música* 20:7-14. 1992-93.

_____. “O rancho e a rua: questões sobre a atualização de uma forma cênico-musical carnavalesca”. In: *Anais do XIV Congresso Associação Nacional Pesquisa e Pós-graduação em Música*. 2003.

_____. Samba, coexistência e academia: questões para uma pesquisa em andamento. In: *Anais do V Congresso Latino-americano da associação internacional pra estudo da musica popular*. 2004

CAMBRIA, Vincenzo. Música e identidade negra. O caso de um bloco afro carnavalesco de ilhéus. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós graduação em Música da Escola de Música da UFRJ. 2002.

_____. Comunicação oral, Ciclo Música em Debate III, Escola de Música da UFRJ, novembro de 2004

_____. Etnomusicologia aplicada e pesquisa ação participativa: reflexões teóricas iniciais pra uma experiência de pesquisa comunitária no Rio de Janeiro. In: *Anais do V Congresso Latino-americano da associação internacional pra estudo da musica popular*. 2004

FELD, Steven. *Sound and sentiment: birds, weeping, poetics, and song in Kaluli expression*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 297. 1990.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GREBE, Maria Éster. Objeto, método y técnicas de investigación en Etnomusicologia: algunos problemas básicos. *Revista Musical Chilena*, Ano XXX, Nº 133, 1976.

MERRIAM, Alan, *The Antropology of Music*. Chicago, Northwestern University Press, 1964.

SEEGER, Anthony. *Why Suyá Sing: a musical anthropology of an Amazonian people*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

THIOLLENT, Michel. comunicação oral, Ciclo Música em Debate III, Escola de Música da UFRJ, novembro de 2004.